

## Monte da Azinheira: uma ocupação rural Moderna em pleno coração alentejano

### Resultados Preliminares<sup>1</sup>

.....

ÂNGELA Cristina Teves de ARAÚJO<sup>2</sup>  
BRUNO Miguel Silva MAGALHÃES<sup>3</sup>

#### RESUMO

A intervenção arqueológica no Monte da Azinheira (Alvito, Beja) permitiu reconhecer uma estrutura de possível habitação (Monte Alentejano) de época Moderna, com cinco compartimentos parcialmente escavados e construída através do aproveitamento dos pórfiros existentes como matéria-prima local. Foi assim possível reconhecer a existência de uma estrutura

cujo material arqueológico recolhido nos baliza entre os inícios do século XVI e finais do século XVII e que terá funcionado, durante esse espaço de tempo, como estrutura habitacional. A cronologia do sítio foi atribuída através do material arqueológico encontrado que, na sua maior parte, foi recolhido nas sondagens exteriores à estrutura e mais próximas dela.

#### ABSTRACT

The archaeological survey in Monte da Azinheira allowed us to recognize a possible structure for housing (Monte Alentejo) from the Modern Era with five compartments partially identified, constructed through the use of existing porphyry as local raw material. It was possible to recognize the existence of a structure whose

archaeological material dated between the beginning of the sixteenth century and the end of the seventeenth century. The chronology of the site was assigned through the archaeological material collected, for the most part, outside the structure and closest to her.

---

1 - Intervenção arqueológica realizada para a empresa Crivarque, Estudos de Impacto e Trabalhos Geo-Arqueológicos Lda, no âmbito do Projecto de Execução do Dispositivo de Segregação de Águas da Barragem de Odivelas (Alvito, Beja).

2 - angelacta@hotmail.com

3 - brunommagalhaes@sapo.pt

## INTRODUÇÃO E ENQUADRAMENTO

O mundo rural Moderno alentejano é, na actualidade, praticamente desconhecido. Os contextos arqueológicos habitacionais não existem e deste aspecto surgiu uma das grandes dificuldades da interpretação da escavação: a falta de paralelos. Por outro lado, daqui advém também a importância desta intervenção arqueológica. Uma vez que o conhecimento sobre o povoamento rural da época é diminuto, o Monte da Azinheira permite uma abordagem bastante própria ao mundo rural alentejano de época Moderna, de forma a trabalhos futuros não partirem quase do zero.

Desta forma, no âmbito da execução do projecto de construção do Dispositivo de Segregação de Águas da Barragem de Odivelas, no lugar do Monte Branco (Alvito, Beja), e tendo em conta a sensibilidade arqueológica da área em questão, foram realizadas duas fases de

trabalhos arqueológicos para melhor ser conhecida a realidade do sítio.

A área do projecto implanta-se, segundo a Carta Geológica de Portugal, no Maciço de Beja, mais concretamente na zona dos Pórfiros de Baleizão. Trata-se de uma vasta unidade (sub)vulcânica ácida, pós-metamórfica, que se distingue pela sua cor avermelhada que geralmente exhibe em afloramento. A sua heterogeneidade levou ao agrupamento em «pórfiros» (dacitos e riódacitos) e «granófiros».

A intervenção arqueológica no Monte da Azinheira realizou-se em área aberta, no topo de uma plataforma adjacente a duas linhas de água: a Ribeira de Odivelas e o Barranco do Monte dos Coelho. Na área circundante ao sítio arqueológico predomina a vegetação rasteira e algum sobreiro.

## RESULTADOS

A intervenção arqueológica revelou estratigrafias diferentes em dois conjuntos de sondagens (embora sempre com pouca complexidade). As sondagens 3, 4, 5, 6, 7 e 8 foram implantadas na área circundante da estrutura, de forma a tentarmos perceber o seu raio de acção. Algumas destas sondagens revelaram pouco interesse arqueológico, pelo que, de seguida, nos referiremos exclusivamente às sondagens 1, 2, 9, 10 e 11, dado o seu maior potencial.

Nesse sentido, em todas estas sondagens foi

registada uma primeira UE correspondente ao estrato mais recente do sítio. Por baixo desta primeira unidade foram registados vários estratos e alinhamentos. Nas sondagens 1, 2 e 10 foi identificado um alinhamento visível à superfície e que se inclui no “bloco central” da habitação (fig.1). Foi a partir deste rectângulo inicial que foram construídas as paredes das divisões que lhe são interiores e exteriores, como veremos mais à frente. Foi também registada uma unidade posterior ao abandono/destruição da estrutura, que se encontrava por cima das paredes que separam os compartimentos 2, 3 e 4.

## INTERIOR DA ESTRUTURA

Por baixo daquelas primeiras UE's, foram identificados os limites de uma estrutura com cinco compartimentos (fig.1). Desses cinco compartimentos, o 2, 3 e 4 constituem então o “bloco central” da estrutura, a partir do qual a mesma se desenvolveu ao longo do espaço de tempo em que foi habitada. Em quase todos os compartimentos foi inicialmente difícil perceber onde estavam os pisos, uma vez que foram construídos em terra batida e porque se encontravam bastante afectados e sem material *in situ* nas respectivas áreas de ocupação. De salientar ainda que, por toda a estrutura, foram utilizados os pórfiros locais como matéria-prima

para a sua construção.

O **compartimento 1**, divisão encostada ao “bloco central” no canto S-SO da estrutura, foi identificado numa área exíguas, no canto da sondagem 1, pelo que não foi possível retirar grandes conclusões quanto à sua funcionalidade e articulação com a restante estrutura. Para melhor percebermos o seu enquadramento e funcionalidade dentro da estrutura teríamos que alargar a escavação para a sua metade S (já fora da área afectada pela obra).

O **compartimento 2** foi intervencionado em ambas as fases de escavação e a sua estratigrafia revelou-se simples e relativamente homogénea. Dentro do compartimento, na sua metade SE, foi registado um derrube de pedra de médio porte (na continuação do derrube do compartimento 3, onde aparece em todo o seu interior). Por baixo foi registada, tal como nos

compartimentos 1 e 3, uma unidade com pouca potência estratigráfica que assentava por cima da interface do piso. Para além disso, no canto S do compartimento foi ainda registada uma estrutura de combustão que encostava à parede S/SE desse mesmo compartimento (fig.2).



Figura 1 – Plano geral da estrutura escavada à cota dos níveis de ocupação. O “bloco central” da habitação é constituído pelos compartimentos 2, 3 e 4.

Para a construção do piso foi colocado, directamente por cima da rocha base, um nível de enchimento de telha bastante fragmentada misturada com terra. Todo o enchimento do piso era castanho alaranjado, pouco compacto, heterogéneo e com bastante telha muito fragmentada e alguns (poucos) nódulos de argamassa. Este enchimento de telha terá sido a forma encontrada para o nivelamento do piso, uma vez que a rocha base era bastante irregular. Não foi encontrado material arqueológico no enchimento do compartimento, pelo que a sua datação é também um assunto de difícil pormenorização.

Ainda dentro do compartimento 2, foi identificado na estrutura [101] um primeiro nível de fiadas de pedra a partir da base com uma largura maior que as fiadas que se lhe seguiam (fig.3). Faz lembrar a existência de um “soco”, bastante utilizado nas construções em taipa, um pouco por todo o Alentejo (ver, por exemplo, CORREIA, 2007). A sua função seria a de dar maior estabilidade a toda a estrutura, até porque a mesma assentou directamente na rocha base que se encontrava, como já dissemos, bastante irregular.



Figura 2 – Nível de ocupação no compartimento 2 e respectiva estrutura de combustão.



Figura 3 – Pormenor do “soco” identificado na estrutura [101].

Dentro do **compartimento 3** foi identificado um derrube por cima do piso por toda a sua área, tal como já referido na descrição do compartimento anterior. É constituído por pedra de médio e grande porte, com bastante terra castanha clara alaranjada, homogénea e quase sem material arqueológico. Por baixo do derrube foi identificada a interface do piso, pelo que este terá sido o primeiro derrube deste compartimento. Mais uma vez, não foi identificado qualquer tipo de material arqueológico associado ao nível ocupacional do compartimento. Por baixo da interface foi registado o piso, cuja composição era idêntica à do compartimento 2 (para além de assentar, de novo, directamente na rocha base).

Dentro do **compartimento 4** foi apenas identificado um estrato idêntico ao do compartimento 3, por baixo do qual tínhamos a interface do piso, também sem qualquer material arqueológico associado à ocupação. Já quanto à composição do piso, foi registada alguma pedra e material de construção. Se este material

indicava algum tipo de pavimento, encontrava-se, na altura em que foi escavado, bastante afectado. É, no entanto, o piso que melhor tratamento apresenta, com indícios daquilo que parece ser uma zona pavimentada por cima da terra batida. É também o compartimento que melhor tratamento apresenta nas paredes: no seu interior, há sinais das paredes [209] e [203] terem sido argamassadas, o que parece indicar uma utilização mais “nobre” do espaço em relação a outros compartimentos onde não foi identificado.

O **compartimento 5** é aquele que maior área apresenta e, também por isso, não foi possível escavá-lo na sua totalidade. Dentro do compartimento foi reconhecido um estrato castanho, com pouca potência, pouco compacto e com alguma pedra de pequeno e médio porte. Por baixo tínhamos a interface do nível de ocupação do compartimento onde, tal como nos outros, não foi encontrado material arqueológico associado. Também neste piso verificamos a presença de alguma pedra e algum material de construção, assim



como de argamassa, principalmente no canto N do compartimento. Mais uma vez, o enchimento para o piso assentava directamente na rocha base.

De salientar ainda que foram registadas duas interfaces nas sondagens 2 e 11 que podemos associar a valas de fundação. Estas interfaces foram apenas

detectados no interior da estrutura (mais concretamente nos compartimentos 4 e 5), uma vez que foram abertas para nivelar o solo geológico a partir do seu interior (de cota mais elevada), de forma a manter os alinhamentos nivelados.

### **EXTERIOR DA ESTRUTURA**

No exterior da estrutura temos duas realidades diferentes que se referem essencialmente às duas entradas para a estrutura – [202] e [1107] – e ao seu relacionamento com o exterior (fig.1). Do lado N/NE as sondagens 8 e 9 permitiram identificar um derrube por baixo do estrato de superfície. É castanho claro, homogéneo, pouco compacto, com pedra de pequeno, médio e mesmo grande porte e quase sem material arqueológico.

Por baixo do derrube e de um fino estrato, homogéneo, pouco compacto, castanho e com pouco material cerâmico, foi identificado um piso em argila

(fig.1) ao qual foi atribuída a unidade [903]. Este piso está encostado à parede N/NE da estrutura e foi registado numa pequena área ao longo da sua fachada.

Por baixo de parte do piso foi registada uma pequena calçada junto à entrada [202] (fig.4). É uma estrutura em pedra, semi-quadrangular com os cantos arredondados, que encosta à parede N/NE da estrutura escavada. É delimitada por pedras de médio e grande porte, o seu interior encontrava-se preenchido com pedra pequena e média e a sua área de implantação ficou perfeitamente definida depois do alargamento da sondagem.



Figura 4 – Calçada na zona de passagem exterior da entrada principal da estrutura.

Por baixo do piso e desta calçada foram identificadas duas unidades: a [909], que se refere a uma possível área de combustão (com bastantes cinzas, granulosa, bastante húmida, friável e com algum material arqueológico) e a [905], que corresponde à unidade com maior potência estratigráfica de todas as sondagens e aquela de onde foi recolhido mais material arqueológico. Por baixo foi registada a rocha base.

Já na sondagem 11, junto à fachada E-SE, foi

identificada uma pequena área que poderá estar relacionada com a presença de uma zona de enchimento em pedra (ao género de uma “calçada tosca”). Esta é a zona de cota mais baixa de toda a estrutura e, em época de chuvas, está sujeita à acumulação de águas. A colocação de alguma pedra naquela área seria assim bastante provável até porque, por baixo do estrato de superfície, foram registados os cortes no solo geológico para o seu enchimento.

## ESPÓLIO<sup>4</sup>

Grande parte dos materiais recolhidos nesta intervenção arqueológica foram-no em contextos secundários. Não foi recolhido material *in situ* nos níveis de ocupação da estrutura de habitação, sendo que grande parte foi recolhida no seu exterior, encostado à parede N-NE. Aqui seria depositado, pelas pessoas que habitavam a estrutura, o material que se encontrava inutilizado e sem possibilidade de continuar a desenvolver a sua função. Seria assim a “lixreira” da casa, com uma localização bastante específica, e cujo material recolhido apresentava um aspecto bastante fragmentado e rolado. No geral, foi recolhido material cerâmico (quadro 1), lítico, metálico e alguma fauna, também ela bastante fragmentada.

Os materiais que permitiram datar a ocupação do Monte Alentejano correspondem a três grupos essenciais:

- Um primeiro grupo associado a séries esmaltadas andaluzas, cujo principal centro produtor é Sevilha. Deste grupo foram recolhidos poucos fragmentos que, no geral, podem ser atribuídos à 1ª metade do século

XVI. São bem conhecidos materiais arqueológicos encontrados em contextos cronológicos idênticos no Porto - Casa do Infante ou Castelo de S. João da Foz – (MNSR, 2001).

- Um segundo grupo de faiança *malegueira* de produção nacional (possivelmente procedentes de Lisboa) associada à 2ª metade do século XVI, mais uma vez com paralelos na cidade do Porto (MNSR, 2001). A *malegueira* corresponde a 6% do total de cerâmica recolhida no Monte da Azinheira, fragmentos que se concentravam nas sondagens 3, 4, 8, 9 e 11, isto é, nas sondagens exteriores à estrutura, mas que lhe eram mais próximas. Para além dos fragmentos esmaltados a branco, foram ainda encontrados alguns pintados a azul linear e pelo menos cinco de imitação de Majólica Italiana, peças com esmalte azulado que cria um fundo sobre o qual surgem desenhos pintados em azul mais escuro (fig.5, núm.7). Apesar de se encontrarem também bastante fragmentadas, foi possível identificar a forma de algumas escudelas carenadas e pratos, típicos deste tipo de produções domésticas da altura.



Figura 5 – Faiança de produção nacional (1,2,4,5,6,7) e andaluza (3) do século XVI.

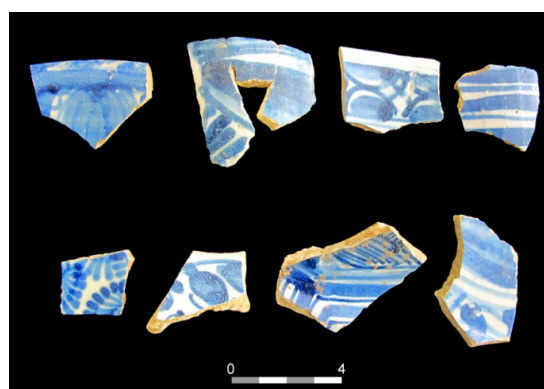


Figura 6 – Faiança de produção nacional do século XVII.

4 - A análise do espólio cerâmico foi realizada com a ajuda do Dr. Gonçalo Lopes, ao qual agradecemos as indicações dadas.

- Finalmente, um terceiro grupo referente à faiança pintada a azul e que nos remete para o século XVII (MNSR, 2001; MONTEIRO, 2004/2005; CALADO e LIMA, 2005). Este grupo corresponde a 19% do total do material cerâmico encontrado. Estas cerâmicas de produção nacional substituem de forma gradual a utilização da *malegueira* e de outras importações da época. Apesar da grande fragmentação das peças recolhidas no Monte da Azinheira, foram identificadas várias formas abertas associadas a pratos (que foram as únicas passíveis de atribuição tipológica). No que respeita aos motivos pintados sobre o fundo branco, são bastante difíceis de imaginar nos pequenos fragmentos encontrados. No entanto, em alguns adivinham-se motivos vegetalistas, filetes simples, mas também

alguns fragmentos com pintura geométrica irregular preenchida com linhas ondulantes. Tendo em conta os paralelos da época (MNSR, 2001; MONTEIRO e LIMA, 2005), a pintura a azul tende a preencher a totalidade das superfícies.

Durante a 2ª fase de escavação foram também recolhidos três fragmentos decorados de porcelana, bastante pequenos, pelo que não foi possível perceber as suas formas ou os motivos representados.

Já a cerâmica vidrada corresponde a 10% do total recolhido. Mais uma vez as sondagens 3, 4, 5, 9 e 11 foram as que mais contribuíram para o total, embora fosse da [801] a recolha da peça mais completa de todas as sondagens (fig.7).



Figura 7 – Tigela com vidrado interior e exterior.



Figura 8 – Tesoura.



Figura 9 – Navalha de barbear com decoração.

Categoria		Cerâmica Comum	Cerâmica Brunida	Cerâmica com Engobe	Cerâmica Vidrada	Faiança	Porcelana	Esmaltada
Inserção								
Sondagem 1	U.E. 100				1	1		1
	U.E. 114	2						
Sondagem 2	U.E. 200	26	4		13	2		5
	U.E. 207	1						2
	U.E. 217				1			
Sondagem 3	U.E. 300	319	20	9	64	57		36
Sondagem 4	U.E. 400	231		1	30	12		35
Sondagem 5	U.E. 500	40			2	61		1
Sondagem 6	U.E. 600	4						
Sondagem 7	U.E. 700	14						1
Sondagem 8	U.E. 801	156	10		1	2		16
Sondagem 9	U.E. 900	90	84	11	44	106	1	15
	U.E. 901		2			4		
	U.E. 902		1			5		
	U.E. 903	25	41	3	8	25		7
	U.E. 904	5	3			9		
	U.E. 905	118	146	20	50	59	2	15
	U.E. 909	14	15			3		2
Sondagem 10	U.E. 1000	17	2	1	3			
	U.E. 1001		3					
	U.E. 1004		4		1	5		
	U.E. 1014	1	1		2	8		2
Sondagem 11	U.E. 1100	101	100	12	53	81		19
	U.E. 1104		4		1			
	U.E. 1106	16	35	3		39		4
	U.E. 1120	23	19	2	3	18		4
TOTAL		1203	494	62	277	497	3	165

Quadro 1 – Quantificação do espólio cerâmico e sua distribuição por unidade estratigráfica.

Predominam os vidrados melados e verdes, embora também estejam presentes alguns fragmentos de vidrado castanho. Quanto a formas, foram apenas identificadas duas tigelas, o que confirma o uso doméstico deste tipo cerâmico. Foram também identificados vários fragmentos vidrados apenas no interior, dos quais não foi possível obter forma, devido à fragmentação das peças recolhidas.

Quanto ao espólio lítico<sup>5</sup>, metálico e osteológico (fauna), foram encontrados em quantidades residuais e bastante fragmentados. Os líticos representam 4% do total. Na 1ª fase de escavação apenas 24 peças

revelaram em laboratório algum tipo de talhe. Foram identificados três núcleos e algumas lascas em quartzo. Na 2ª fase foram recolhidos algumas lascas em quartzo e sílex, núcleos em quartzo, dois percutores em quartzito, uma raspadeira em quartzo, restos de talhe em sílex e quartzo, entre outros.

No entanto, o material recolhido encontrava-se em estratos de revolvimento, nos mesmos níveis que o material cerâmico Moderno. A significar algum tipo de ocupação Pré-Histórica, a mesma foi destruída ou (devido ao seu carácter residual) não se localizará na área onde foram abertas as sondagens.

5 - A análise do espólio lítico foi realizada com a ajuda do Dr. Marco Andrade, ao qual agradecemos as indicações dadas.



Quanto ao espólio metálico foram recolhidos 31 objectos, que correspondem a cerca de 1% do total. Os mais interessantes foram: um dedal, um botão ou

rebite, um fragmento de fivela, uma tesoura (fig.8), uma navalha de barbear (fig.9) e uma moeda (sem leitura). O bronze e o ferro foram os elementos mais utilizados.

## DISCUSSÃO

Os trabalhos arqueológicos permitiram obter um melhor conhecimento sobre a ocupação do espaço, embora os dados tenham sido recolhidos de forma parcial, em grande parte devido à escavação incompleta dos cinco compartimentos encontrados. Apesar disso, algumas conclusões poderão ser retiradas a partir dos dados recolhidos.

Em primeiro lugar, a construção rural em pedra não é muito vulgar no Alentejo. A pedra e o afloramento rochoso de um modo geral escasseiam no Alentejo, pelo que a construção em pedra da estrutura em estudo só pode ser entendida pela excepção que é a geologia local e o consequente aproveitamento dos seus recursos como matéria-prima.

Nesse sentido, foi identificada uma estrutura que, ao que tudo parece conjugar, se traduzirá numa habitação, vulgarmente conhecida como “Monte Alentejano”. Revela uma “estrutura central” representada pelas paredes [101], [201], [203] e [1001] (ainda que incompleta, devido aos condicionalismos já apresentados), a partir de onde foram construídas as paredes interiores – [105], [209], [1002] e [1007] - e exteriores - [104], [204], [1101] e [1102].

No entanto, é importante colocar aqui a hipótese da estrutura não ter sido completamente construída em pedra e de, pelo menos algumas das paredes, terem sido construídas em taipa a partir do “soco” em pedra. Esta não é uma hipótese totalmente descabida, uma vez que não foram identificados os derrubes da maior parte das paredes da estrutura. O compartimento 3 foi o único onde foi identificado um derrube de pedra de pequeno e médio porte, por cima da interface do piso. Desta forma, é legítimo colocar a hipótese de, em todos os compartimentos, o “soco” ter sido construído com a matéria-prima local e (pelo menos em alguns deles) as restantes paredes terem sido construídas em taipa, tal como nos descreve CORREIA (2007). A excepção seria o compartimento 3, onde foi identificado o derrube de pedra por cima da área de ocupação e talvez o compartimento 2, onde era ainda visível a construção em pedra por cima do soco. No entanto, esta é uma questão que não foi possível resolver, até porque é perfeitamente

possível que a inexistência de derrubes na maior parte dos compartimentos signifique o reaproveitamento da pedra posterior ao abandono da estrutura.

Quanto ao reboco das paredes parece ser característico da região em estudo. Diz-nos a Etnografia que “a casa do Sul é sempre rebocada e caiada, exterior e interiormente (...), sobretudo certos elementos e partes” (OLIVEIRA, 2000, 151). No caso do Monte da Azinheira foram encontrados alguns rebocos interiores na [209] e [203] (dentro da estrutura central), o que nos mostra que, pelo menos em certas divisões interiores, ele existia. O facto de a estrutura ser construída em pedra poderá ter criado condições para que não fosse necessário rebocar por fora, uma vez que o material de construção era de boa qualidade e não seria necessário “acentuar o pitoresco da construção, aveludar superfícies, arredondar ângulos, disfarçar falhas e dar-lhe um aspecto asseado e fresco” (OLIVEIRA, 2000, 151 e 152).

Quanto aos pisos interiores podemos ter várias tipologias de construção na casa alentejana: em terra batida ou calcetados com pedra miúda, recoberto com lajes ou ainda, mais frequentemente, com tijolo ou ladrilho (OLIVEIRA, 2000, 152). Na estrutura escavada, os pisos são todos em terra batida, sendo que nos compartimentos 4 e 5, embora em mau estado, ainda é visível alguma pedra e tijolo que poderão ter pertencido ao suposto piso original. A confirmar-se esta hipótese, poderemos estar perante pisos construídos segundo a funcionalidade e o tipo de ocupação que lhes era previamente atribuída. No entanto, a escavação parcial dos compartimentos e a falta de material arqueológico associado aos níveis de ocupação não nos permite resolver de forma mais satisfatória esta questão.

Quanto ao piso exterior em argila junto à parede N-NE da estrutura (assim como a respectiva calçada), e uma vez que se encontra por cima do local de deposição dos materiais inutilizados (“lixreira” [909]), ser-lhe-ão posteriores. Aquelas estruturas deverão ter sido construídas já na fase final do período de ocupação da habitação, sendo a mesma abandonada algum tempo depois, por qualquer razão que desconhecemos. A razão mais lógica para a sua construção será a de

melhorar a qualidade de circulação, principalmente em épocas de chuvas, naquela que seria a entrada principal da estrutura habitacional.

Quanto à cobertura, embora no Alentejo seja normalmente construída com telha (mesmo nas construções de importância secundária), no Monte da Azinheira não foi possível chegar a uma conclusão clara, uma vez que não foi encontrado nenhum derrube claro do telhado. Uma hipótese para esse aspecto é que, depois do abandono da estrutura, a telha tenha sido reaproveitada. Não nos parece provável que uma construção em pedra e com reboco interior fosse terminada com uma cobertura em materiais perecíveis, até porque foram encontrados fragmentos de telha (bastante fragmentada, é certo) em todas as sondagens.

Entrando mais uma vez no campo da Etnografia, poderíamos analisar outras hipóteses para o local que seriam, no entanto, muito menos sugestivas. Quer sejam as características habitações de planta quadrangular, com paredes em pedra e cobertura em materiais vegetais (mais típicas de certas zonas rurais do Norte de Portugal) ou as malhadas (grandes currais unitários para cabras ou porcos), característicos de certas regiões do Alto Alentejo (OLIVEIRA, GALHANO e PEREIRA, 1988), região fronteiriça com o concelho de Alvão, nenhuma delas parece adaptar-se às características formais da estrutura escavada. No geral, a estratigrafia e os materiais arqueológicos mostram-nos com maior consistência que estaremos na presença de um Monte Alentejano, de planta térrea, cuja construção, habitação e abandono estará balizada entre o início do século XVI e finais do XVII. Não foi identificado qualquer nível antrópico anterior ou posterior a essa cronologia.

Para além dos cinco compartimentos escavados, e através dos alinhamentos visíveis à superfície por toda a área habitacional, chega-se facilmente à conclusão que

existirão pelo menos mais três ou quatro compartimentos associados a esta habitação. Mais uma vez a Etnografia mostra-nos que nas habitações do Baixo Alentejo, as divisões se sucedem umas às outras, com entrada pela cozinha ou *sala de fora*. Apesar de terem sido identificadas duas entradas e de a utilização das divisões não ser clara, parece-nos que poderemos estar perante uma planta com aquela tipologia, ficando em aberto a questão de poderem existir divisões cobertas e outras abertas, dependendo da sua utilização.

Parece-nos também que toda a estrutura foi construída ao longo de um determinado período de tempo, com acrescentos faseados. À estrutura inicial já identificada atrás, foram mais tarde acrescentados os compartimentos 1 e 5 e as UE's [903] e [907]. No entanto, é impossível definir quanto tempo depois foram acrescentados e qual o foi primeiro. Por outro lado, parece não haver dúvidas que a entrada principal, em toda a área escavada é a [202], quer por dar acesso directo à "estrutura inicial", quer pela calçada e piso identificados à saída, que revelam um trabalho bem mais cuidado e "nobre" que, por exemplo, a interface [1121] aberto junto da entrada [1107].

O compartimento 5, quer pela sua área maior, quer pela sua entrada/saída ser menos cuidada, parece ser um compartimento de ligação entre o exterior (mais público), e o interior do "bloco central", de uso privado (quer por todas elas terem uma área menor, quer por terem tido uma porta, como comprova a existência de uma soleira em todas as suas entradas).

Por fim, faltou também resolver a questão da relação entre esta estrutura e uma outra que se encontrava a cerca de 20 metros de distância e fora da zona de afectação de obra. A planta da estrutura não intervencionada é mais pequena (parece ter apenas uma divisão) e poderá ter pertencido ao mesmo monte, embora seja difícil perceber a sua relação e funcionalidade.

## CONCLUSÕES

Foi intervencionada uma estrutura de habitação (Monte Alentejano) de época Moderna, com cinco compartimentos parcialmente identificados e construída através do aproveitamento dos pórfiros existentes como matéria-prima local. O material cerâmico recolhido (principalmente a faiança) permitiu balizar a ocupação do local entre os inícios do século XVI e os finais do século XVII. Grande parte do material arqueológico foi

recolhido no exterior da estrutura, junto à parede N-NE, naquilo que foi interpretado como um contexto de lixeira.

Os trabalhos arqueológicos desenvolvidos no Monte da Azinheira possibilitaram a salvaguarda pelo registo de todas as estruturas e níveis arqueológicos identificados dentro da área de afectação, revelando-se também importante para o conhecimento da ocupação do

espaço e do desenvolvimento rural de época Moderna no interior alentejano.

No futuro, o estudo mais aprofundado do material arqueológico será bastante importante, de forma

a conhecer-se melhor, não só o povoamento local Moderno, mas também as suas relações com o mundo que o rodeia.

**Agradecimentos** – Este artigo não seria possível sem os conhecimentos do Gonçalo Lopes e do Marco Andrade e a presença e trabalho de toda a incansável e fantástica equipa de campo: Daniel Batista, Hélio Garcia, João Fernandes, João Reis, Luís Grilo, e Sérgio Silva. A todos o nosso muito obrigado.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- CORREIA, M. (2007), Taipa no Alentejo – Rammed earth in Alentejo, Lisboa.
- CALADO, R. S.; LIMA, M. da G., ed., (2005), Portuguese Faience, Guide, Museu Nacional de Arte Antiga, Lisboa.
- MONTEIRO, J. P. (2004/2005), “A afirmação de um gosto nacional na cerâmica portuguesa”, Cerâmica portuguesa do século XVI ao século XX (ANJOS, A. A., ed.), Genebra, 45 – 90.
- Museu Nacional de Soares dos Reis [MNSR], org. e coord. (2001), Itinerário da faiança do Porto e Gaia, Lisboa.
- OLIVEIRA, E. V.; GALHANO, F. (2000), Arquitectura tradicional Portuguesa, 4ª edição, Lisboa.
- OLIVEIRA, E. V.; GALHANO, F.; PEREIRA, B. (1988), Construções primitivas em Portugal, 2ª edição, Lisboa.